

Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola

Guy Ginciene,¹
Fernanda Moreto Impolcetto²
Suraya Cristina Darido²

RESUMO

Este artigo, de caráter ensaístico-propositivo, tem o intuito de apontar alguns aspectos para a sistematização do ensino dos elementos técnicos e táticos do tênis nas escolas segundo as abordagens atuais da Pedagogia do Esporte. Inicialmente são apresentados os elementos de desempenho do tênis, em especial aqueles enfatizados nas fases iniciais de ensino: a técnica (habilidade técnica) e a tática (tática individual). Num segundo momento são apresentadas as formas de ensino desses elementos segundo as abordagens atuais da Pedagogia do Esporte. Para além disso e ainda nessa perspectiva de ensino, são apresentadas: propostas para ensinar alunos com pouca habilidade, ao mesmo tempo que essas são desenvolvidas durante os jogos táticos; as habilidades técnicas básicas da fase de iniciação; as formas de adaptação dos materiais durante a fase inicial de ensino; e como ensinar para um número elevado de crianças.

Palavras Chave: Educação física escolar. Pedagogia do esporte. Tênis.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Universidade Estadual Paulista

Recebido em: 08 jun. 2017

Aprovado em: 30 ago.2017

Contato: guy_ginciene@hotmail.com

Pedagogical possibilities of teaching tennis in schools

ABSTRACT

The aim of this paper is to point out some aspects for systematization of technical e tactical elements of tennis, based on the principles of the Sport Pedagogy. At first, is present the performance elements of tennis and those that should be taught in the beginning of this process: technique (skills) and tactic (individual tactics). In a second part, the paper present the way of teaching those elements, based on the Sport Pedagogy theories. In this way of thinking the teaching process of tennis is also presented: a proposal to teach kids without skills in the same way they could develop them; the basic skills of tennis; ways to adapt the materials (balls, racquets; nets); and how to teach for many kids at the same time.

Keywords: Physical education. Sport pedagogy. Tennis.

Posibilidades pedagógicas para la enseñanza del tenis en la escuela

RESUMEN

Este artículo tiene el propósito de apuntar algunos aspectos para la sistematización de la enseñanza de los elementos técnicos y tácticos del tenis en las escuelas según las abordajes actuales de la Pedagogía del Deporte. Inicialmente se presentan los elementos de desempeño del tenis, en especial aquellos enfatizados en las fases iniciales de enseñanza: la técnica (habilidad técnica) y la táctica (táctica individual). En un segundo momento se presentan las formas de enseñanza de estos elementos según los enfoques actuales de la Pedagogía del Deporte. Además, y aún en esta perspectiva de enseñanza, se presentan: propuestas para enseñar alumnos con poca habilidad, al mismo tiempo que éstas se desarrollan durante los juegos tácticos; las habilidades técnicas básicas de la fase de iniciación; las formas de adaptación de los materiales durante la fase inicial de enseñanza; y cómo enseñar a un número elevado de niños.

Palabras Clave: Educación física escolar. Pedagogía del deporte. Tenis.

INTRODUÇÃO

O esporte é uma prática corporal historicamente construída pelo homem. Com o passar dos anos se articulou com “dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas” e outras (DEL PRIORE; MELO, 2009, p. 12). Foi utilizado de diferentes formas em nossa sociedade, como no lazer, na política (DRUMOND, 2009; FLORENZANO, 2009; OLIVEIRA, 2009), na construção de identidade de diferentes grupos (DEL PRIORE; MELO, 2009, p. 12) e até mesmo do povo brasileiro (GUEDES, 2009).

Hoje em dia é considerado como um dos maiores fenômenos socioculturais contemporâneos (DEL PRIORE; MELO, 2009; GALATTI *et al.*, 2014; REVERDITO; SCAGLIA, 2000), proporcionando que diferentes personagens se envolvam com sua prática e/ou apreciação, atribuindo diferentes sentidos à esse envolvimento.

Por esses e outros motivos, o esporte é um dos elementos da cultura corporal e faz parte dos conteúdos tratados na Educação Física escolar. (BRASIL, 1998, 2016; DARIDO; RANGEL, 2005). Em alguns momentos da história o esporte foi conteúdo hegemônico dessas aulas, restrito geralmente a quatro modalidades coletivas: futebol, voleibol, basquetebol e handebol (DARIDO; RANGEL, 2005; RANGEL; BETTI, 1999).

O tênis, assim como qualquer outra modalidade esportiva, também faz parte dos elementos da cultura corporal, que foi construído e ressignificado no decorrer de sua história. De passatempo da nobreza, se transformou em esporte institucionalizado, passou pelo processo de profissionalização (GILLMEISTER, 2008; MAZO; BALBINOTTI, 2009) e atualmente é uma modalidade conhecida e praticada por muitas pessoas. Diferentemente de sua origem, hoje uma pluralidade de sentidos é atribuída à sua prática, como: preenchimento do tempo livre, saúde, estética corporal, divertimento, profissão etc.

Para que o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física escolar apresente essa diversidade de sentidos e possibilidades de se envolver com o tênis, faz-se necessário que seu ensino vá além do “saber fazer” (BRASIL, 1998; DARIDO; RANGEL, 2005). Para isso, as aulas podem apresentar essa modalidade em um sentido mais amplo, acolhendo a maior parte dos alunos, mesmo aqueles com menos habilidades.

Este artigo, portanto, de caráter ensaístico-propositivo, tem o intuito de apontar alguns aspectos para a sistematização do ensino dos elementos técnicos e táticos do tênis nas escolas segundo as abordagens atuais da Pedagogia do Esporte.

O ensino do tênis

Primeiramente é preciso delimitar “o que ensinar” sobre as dimensões procedimentais do tênis. Dentre os conteúdos dessa dimensão estão os elementos do desempenho esportivo. González e Bracht (2012) apresentam sete elementos para os jogos coletivos com interação entre os adversários, sendo: quatro individuais (técnica, tática individual, capacidade física, capacidade volitiva), dois em grupo (tática de grupo - combinações táticas - e tática coletiva - sistemas de jogo) e uma individual e coletiva simultaneamente (estratégia de jogo).

O tênis, no entanto pode ser jogados de forma coletiva e individual, mas todos com interação entre os adversários. Nesse sentido, na modalidade individual, os elementos de desempenho são: técnica, tática individual, capacidade física, capacidade volitiva e estratégia de jogo. Já na modalidade disputadas em duplas, a tática de grupo e a estratégia de jogo são os elementos presentes.

Nas primeiras fases de ensino, especialmente na escola, o enfoque deve estar nos elementos técnicos e táticos. Nos esportes coletivos, os elementos táticos individuais são os primeiros a serem tratados, por conta da complexidade das combinações táticas e dos sistemas de jogo. Logo, os alunos devem primeiramente compreender as ações individuais, para depois conseguir desempenhar ações táticas coletivas. Da mesma forma, no tênis, sugere-se o ensino dos elementos táticos individuais, para depois iniciar o processo de ensino das ações táticas em duplas.

A técnica está articulada com a tática individual, ou seja, cada intenção tática desenvolvida demanda um tipo de movimento, que por sua vez são desenvolvidos concomitantemente à esse processo.

Como ensinar?

O jogo é o meio para o ensino de grande parte das modalidades esportivas atualmente, especialmente as de invasão e de rede/parede. Diversas são as abordagens que se utilizam desse meio para o ensino dos esportes. As mais comuns, no entanto, são destinadas ao processo de ensino dos esportes coletivos, especialmente os de invasão (HARVEY; JARRETT, 2013).

Para o ensino do tênis não é diferente e os jogos são (ou deveriam ser) os meios para professores e treinadores ensinarem essa modalidade. O TGfU (*Teaching Games for Understanding*) (THORPE; BUNKER; ALMOND, 1986) é uma das abordagens de ensino centradas nos jogos. Curiosamente, essa abordagem começou a ser pensada por Rod Thorpe, quando lhe foi dito que os equipamentos do tênis deveriam ser adaptados para os menos habilidosos. Foi nessa época que os primeiros passos foram dados para o desenvolvimento do modelo, por meio de uma abordagem centrada no jogo, em

oposição a abordagem centrada na habilidade técnica (THORPE; BUNKER; ALMOND, 1986).

O fato relatado se deu em 1968 e a primeira publicação sobre o TGfU data de 1982. Depois disso, diversas outras abordagens centradas nos jogos foram desenvolvidas como variações do TGfU, são elas: Play Practice (PP) de Launder (2001); Tactical Games Model (TGM) de Mitchell, Oslin e Griffin (2006); Game Sense (GS) de Light (2004) (HARVEY; JARRETT, 2013).

Apesar de todo esse tempo, o ensino do tênis ainda parece estar centrado em um modelo tradicional (BOLONHINI, 2009), assim como nos esportes coletivos. Isso não quer dizer que os treinadores (fora da escola) sejam mal intencionados, pelo contrário. São diversos os fatores que podem influenciar para que isso aconteça, como a falta de melhores condições de trabalho, falta diálogo entre a universidade e os campos de atuação, falta de incentivos para formação continuada, baixo número de materiais didáticos em português, tendência em ensinar da forma como se aprende, dentre outros.

Williams e Hodges (2005) apontam o problema dos treinadores manterem os treinos em um modelo com práticas constantes (sem variações) e estáveis (sem imprevisibilidade para estimular a tomada de decisão) por muito tempo, progredindo de forma muito lenta para práticas mais variadas e imprevisíveis, como os jogos. Não é finalidade deste texto, encontrar um motivo para justificar o ensino tradicional, mas apenas destacar o cuidado para não culpabilizar os treinadores que se utilizam dessas abordagens.

Nas escolas o problema não está necessariamente na forma como se ensina o tênis, já que sua presença nas aulas de Educação Física é quase inexistente. Certamente a falta de materiais e a pouca vivência de grande parte dos professores com a modalidade devem dificultar esse processo. É comum aqueles que nunca jogaram ou experimentaram o tênis poucas vezes acharem a modalidade extremamente difícil. Muitos que assistem a um jogo profissional também se espantam com o alto nível de habilidade técnica dos jogadores, fortalecendo a ideia que esse esporte parece “impossível”, que dirá ensiná-lo sem os materiais necessários.

Ao comparar os esportes de invasão e os de rede/parede, percebe-se que o segundo conjunto requer maior habilidade técnica do participante do que o primeiro (SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011). Um iniciante que tenta jogar tênis pela primeira vez, possivelmente encontrará alguma dificuldade em fazer a bola passar sobre a rede, por isso a ideia de iniciar o processo de ensino-aprendizagem por meio de jogos não parece factível.

Foi nesse sentido que Rod Thorpe, orientado por Eric Worthington, começou a adaptar os equipamentos do esporte para ensinar iniciantes por meio do jogo (THORPE;

BUNKER; ALMOND, 1986). Em decorrência disso o mini-tênis é conhecido nos ambientes de ensino para as primeiras fases de aprendizagem, em especial para crianças e a Federação Internacional de Tênis (ITF - *International Tennis Federation*) desenvolveu e “oficializou” o mini-tênis com bolas, raquetes, quadras e regras adaptadas para cada faixa etária.

O mini-tênis, portanto, nada mais é do que uma adaptação do jogo de tênis formal para os iniciantes jogarem. É o processo de modificação do jogo para torná-lo “possível” aos diferentes níveis de habilidade (PAES, 2002; VENDITTI JR; SOUSA, 2008).

Utilizar o mini-tênis em um processo de ensino centrado apenas no desenvolvimento do gesto motor, portanto, rompe com sua fundamentação original, que é a de adaptar o jogo para aqueles que ainda não desenvolveram habilidades técnicas necessárias.

No entanto, mesmo que utilizando bolas mais lentas, quadras menores e redes mais baixas, o tênis ainda pode ser uma modalidade difícil. É nesse sentido que iniciar a modalidade por meio de uma progressão das habilidades, juntamente com a adaptação dos materiais pode contribuir para o seu ensino.

Na abordagem de ensino dos esportes do *Tactical Game Model* (TGM), derivado do TGfU, a proposta para o ensino do tênis nas fases iniciais se pauta em uma abordagem mais ampla, para o ensino dos elementos comuns dos jogos de rede/parede (badminton, tênis de mesa, vôlei, peteca, padel etc.) (MITCHELL; OSLIN; GRIFFIN, 2013). No caso do TGM, portanto, a ideia é iniciar os alunos nos aspectos básicos e comuns desse grupo: jogar a bola para o outro lado de forma a dificultar a devolução do adversário. No caso dos jogos de rede/parede, a abordagem é pautada no “agarrar” e “lançar” o objeto, para mais tarde aprender as complexidades e particularidades de cada modalidade.

Dessa forma, elaborou-se uma proposta para organizar a sistematização de ensino do tênis nas escolas, por meio de uma progressão de habilidades (QUADRO 1), iniciando por jogos de (a) “agarrar” e “lançar” com as mãos, (b) rebater com as mãos e (c) rebater com um implemento.

Ainda em um processo de facilitação para tornar o jogo possível, os processos (b) e (c) podem ser simplificados. O (b) rebater com as mãos pode se ramificar em 4 fases: (1.b) agarrar com as duas mãos, soltar a bola, deixar dar um pingo e rebater com as duas mãos; (2-b) agarrar com as duas mãos, soltar a bola, deixar dar um pingo e rebater com uma mão; (3) rebater direto com as duas mãos; (4) rebater direto com uma mão.

Já a etapa de (c) rebater com o implemento (raquete) também pode ser simplificado por: (1-c) agarrar a bola com as mãos, soltar, deixar dar um pingo e rebater com a raquete; (2-c) “dominar” a bola rebatendo a mesma para cima; e depois (3-c) rebater para o outro lado da quadra.

Quadro 1- Quadro de progressão das habilidades

Tipo	Variações
(a) Jogos de lançar e agarrar	
(b) Jogos de rebater com as mãos	(1-b) Agarra, solta e rebate com a duas mãos
	(2-b) Agarra, solta e rebate com uma mão
	(3-b) Rebate direto com duas mãos
	(4-b) Rebate direto com uma mão
(c) Jogos de rebater com implementos	(1-c) Agarra, solta e rebate com a raquete
	(2-c) Realiza quantos toques com a raquete achar necessário até rebater a bola
	(3-c) Rebater direto

Como utilizar o quadro de progressão das habilidades?

A ideia do quadro de progressão das habilidades é a de tornar os jogos possíveis para os menos habilidosos. Por meio desses jogos, os alunos podem desenvolver a tática individual à medida que desenvolvem as habilidades técnicas da rebatida.

Nesse sentido, ao invés de utilizar exercícios descontextualizados da lógica do jogo para desenvolver a habilidade motora dos alunos, o intuito é fazer isso ao mesmo tempo que se desenvolve a compreensão do jogo.

Para isso, os jogos utilizados nesse processo precisam ter propósitos para estimular o desenvolvimento da tática individual. A sistematização por meio das intenções táticas são um meio para essa fase.

Nas primeiras etapas do processo de ensino-aprendizagem, por conta do nível da habilidade técnica requerida pelo tênis, jogos com o intuito de “manter a bola em jogo” são uma possibilidade para esta etapa.

Após o aluno vivenciar jogos iniciais com o intuito de conseguir fazer a bola passar sobre a rede, o próximo passo é fazer o aluno entender a diferença entre jogos de “cooperação” e “oposição”, compreendendo assim que o tênis é um esporte de oposição, portanto, o intuito é jogar/lançar/rebater a bola para o outro lado de forma a dificultar a devolução do adversário e não o contrário.

Krüger (2013) apresenta em seu relato sobre a inserção do tênis nas escolas algumas dificuldades, em especial a resistência dos alunos com os jogos de cooperação durante a fase de aprendizagem dessa modalidade, como demonstrado nessa fala de um dos alunos: “mas tá muito chato assim, não tem graça ficar batendo a bolinha um para o outro” (KRÜGER, 2013, p. 68). Ao contrário disso, a proposta para o ensino do tênis deve apresentar aos alunos os jogos de oposição, não especificamente para atrair o interesse deles, mas por ser uma característica própria do jogo de tênis, ou seja, faz parte da lógica interna da modalidade (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; PARLEBAS, 2001).

Nas propostas de sistematização do ensino do tênis por meio das intenções táticas (GINCIENE, 2014; MITCHELL; OSLIN; GRIFFIN, 2013), seis problemas táticos são apresentados (três para a o ataque e três para defesa). Os mesmos ainda são divididos em três níveis.

A seguir apresenta-se uma proposta (QUADRO 2) simplificada e adaptada do modelo anterior, visto que o contexto da Educação Física escolar brasileira possui objetivos de aprendizagem diferentes dos de outros países e de outros ambientes, além do professor não contar com o mesmo tempo e as mesmas condições materiais e estruturais para desenvolver todo o processo de ensino do tênis.

Quadro 2 - Sistematização dos tipos de jogos

Intenções táticas	O que fazer?	Exemplo de atividades
ATACAR		
Construir espaços para atacar	Jogos que estimulem os alunos a rebater de forma intencional com o objetivo de mover o adversário e abrir espaço na quadra.	Participantes: Jogo 1x1. Descrição: os alunos não podem pisar fora das linhas da quadra para buscar a bola. Condição: um pingô obrigatório. Objetivo de aprendizagem: conscientizar os alunos sobre a necessidade de mover o adversário de forma a força-lo sair da quadra.
Marcar o ponto	Jogos que estimulem o aluno a rebater no espaço vazio para finalizar o ponto.	Participantes: Jogo 1x1. Descrição: o adversário (B) só pode se movimentar dentro de uma área circular demarcada no centro da mini quadra. Objetivo de aprendizagem: conscientizar os alunos sobre a importância de jogar a bola nos espaços vazios para conquistar o ponto.
Atacar em dupla	Jogos que estimulem os alunos a encontrar o melhor posicionamento para atacar no jogo de duplas, como a posição lado a lado na rede.	Participantes: Jogo 2x1. Descrição: a dupla deve defender a quadra de simples e o aluno sozinho deve defender a quadra de duplas (maior). Objetivo de aprendizagem: conscientizar sobre o potencial de fechar a rede em dupla.
DEFENDER		
Defender os espaços da sua quadra	Jogos que estimulem o aluno se posicionar de modo a cobrir a quadra e não deixar espaços abertos.	Participantes: Jogo 1x1. Descrição: os alunos só podem se movimentar após o adversário bater na bola. Ou seja, se o jogador A rebater uma bola próximo a rede, terá que esperar o adversário rebater para se movimentar novamente. Condições: com um pingô na quadra obrigatório. Objetivo de aprendizagem: conscientizar sobre a necessidade de voltar ao centro da quadra para esperar a rebatida e assim fechar os espaços.
Defender contra um ataque	Jogos que estimulem o aluno a levantar a bola para ter tempo de voltar ao centro e proteger os espaços na quadra.	Participantes: Jogo 1x1. Descrição: os alunos, após rebaterem a bola, devem correr até um ponto no centro da linha de fundo da quadra. Objetivo de aprendizagem: conscientizar sobre a necessidade de jogar bolas mais altas e fundas para ter tempo de voltar até o fundo da quadra.
Defender em dupla	Jogos que estimulem os alunos a encontrar o melhor posicionamento para defender no jogo de dupla, como a posição lado a lado no fundo da quadra. Jogos que estimulem os alunos a cobrir o espaço vazios deixado pelo colega.	Participantes: Jogo 1x1 com dois coringas. Descrição: Cada aluno possui um coringa, que fica atrás na quadra e só pode rebater caso seu colega não consiga devolver. Objetivo de aprendizagem: conscientizar sobre a necessidade de cobrir os espaços deixados pelo colega.

Quais as habilidades técnicas básicas?

O ensino dos esportes esteve por muito tempo centrado no gesto motor. A ideia atualmente não é desconsiderar o ensino da técnica, mas balizar o seu ensino de forma integrada as ações táticas do jogo. Ou seja, mais do que saber executar um movimento,

o jogador precisa tomar algumas decisões em pouco tempo. Como o tênis é uma modalidade de interação entre os adversários (GONZÁLEZ, 2004; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012), a rebatida de um influenciará na escolha do gesto motor do outro para devolver a bola. Nesse momento, o jogador precisa ler a jogada e se movimentar para rebater a bola enquanto toma uma decisão sobre onde golpear. Essa tomada de decisão está diretamente enraizada às intenções táticas mencionadas no processo de sistematização anteriormente explicado.

Dito isso e tendo em mente que na escola o objetivo não é desenvolver habilidades mais complexas e avançadas da modalidade, o intuito portanto é fazer com que os alunos conheçam elementos técnicos básicos do jogo de tênis como: golpes de fundo, golpes de rede, saque, devolução de saque e passada.³

Todos esses golpes podem ser vivenciados e experimentados de forma básica. Nos golpes do fundo, o intuito não é desenvolver habilidades técnicas avançadas para inserir giros diferentes na bola como o *topsin* e o *slice*, mas fazer com que os alunos consigam, de maneira simples, devolver a bola para o outro lado da quadra em um movimento de baixo para cima (para fazer a bola ir para frente e passar sobre a rede).

Nos voleios, a intenção é fazer os alunos apenas vivenciarem rebatidas sem deixar a bola pingar. Jogos que limitem os pingos em um lado da quadra farão com que um dos alunos tente golpear sem deixar a bola cair.

O saque pode ser executado por baixo ou por cima, mas os alunos podem experimentar (caso estejam aptos) a lançar a bola com uma das mãos e golpear a mesma antes que ela pingue (por baixo ou por cima). Dessa forma, os alunos estarão vivenciando o saque segundo o exigido pelas regras do tênis. Caso os alunos tenham dificuldade, podem iniciar deixando a bola pingar antes de golpeá-la.

A devolução do saque e a passada são vivenciadas enquanto o jogo acontece, ou seja, se a regra do jogo diz que o aluno A não pode deixar a bola pingar, o aluno B automaticamente tentará passar para ganhar o ponto. O mesmo acontece durante os jogos que se iniciam com o saque, fazendo com que o adversário experimente sua devolução.

As orientações dadas ao movimento devem ser pautadas na reflexão do resultado da ação e não na preocupação se o gesto motor estava ou não de acordo com algumas proposta de padrão. Por exemplo, se a bola está parando muito na rede, possivelmente o movimento não está sendo realizado de baixo para cima. Neste caso, aumentar o tamanho da rede de forma exagerada fará com que o aluno compreenda a necessidade de bater de baixo para cima.

³ Passada: devolução do voleio com o intuito de fazer o ponto, passando a bola pelos lados ou por cima do adversário.

Como adaptar os materiais e o espaço?

A falta de materiais e espaços adequados são sempre empecilhos para o ensino de algumas modalidades esportivas na escola (CALVO; MATTHIESEN, 2011, 2012; MATTHIESEN, 2007), no tênis não é diferente (KRÜGER, 2013). Krüger (2013) ainda relata o descontentamento dos alunos na utilização de materiais alternativos.

Por outro lado, é intrigante pensar que o futebol de rua, aquele jogado descalço, no asfalto, com gols de chinelo e com intervalos forçados durante a passagem dos carros pela rua, tenha sido tão praticado no Brasil (FREIRE, 2003). A ideia, portanto, é procurar despertar nos alunos o interesse pelo jogo em si, ou seja, na busca por tentar “mandar” a bola para o outro lado de forma a dificultar a devolução, criando e explorando os espaços vazios, fazendo com que os alunos se envolvam na prática como se estivessem em um mundo a parte. Raquetes, redes e quadras, por si só, não são capazes de despertar esse sentimento. Não que os materiais sejam menos importantes, mas é necessário destacar que o conteúdo principal dessa temática está no envolvimento dos alunos com o jogo.

Nesse sentido – e seguindo as orientações do quadro de progressão de habilidades – as raquetes inicialmente podem ser substituídas pelas mãos, já que os jogos (dependendo do nível dos alunos) devem começar pelo processo de “agarrar e lançar” e “agarrar e rebater”.

Após esse processo, ao iniciar as rebatidas com implementos, os mesmos podem ser substituídos por raquetes de plástico (de brinquedo), de madeira (aquelas de frescobol) ou até mesmo por aquelas feitas de papelão ou arames com tecido de meia calça (GINCIENE, 2014; GINCIENE; ABURACHID, 2014).

As raquetes de papelão e arame com meia calça são descritas em Ginciene (2014) e Ginciene e Aburachid (2014). Basicamente as de papelão podem ser construídas de duas formas. Uma delas pode ser recortada em um formato de raquete com mais de uma camada para reforçar a estrutura. A outra opção pode ser construída sem o “cabo”, apenas revestindo as mãos com o papelão, formando uma espécie de palmar. Já as de arame com meia calça, que normalmente são construídas com um cabide de arame entortado formando a estrutura da raquete e com a meia calça revestindo-a para fazer as vezes das “cordas” de uma raquete oficial.

A escolha da raquete terá influencia direta na escolha das bolinhas. Por exemplo, raquetes de plástico, papelão ou arame com meia calça não terão bons resultados se jogadas com bolinhas de tênis. Estas últimas são muito duras e pesadas para esses materiais. Logo, as raquetes de madeira são opções mais adequadas para essas situações.

Bolinhas de tênis de mesa também pode ser uma opção para raquetes mais frágeis como as de papelão e arame com meia calça. Bolas de plástico ou espuma, leves e grandes também são apropriadas, em especial para os alunos nas fases iniciais e com pouca habilidade. Este tipo de bola costuma ser mais lenta, o que contribui para que os alunos tenham mais tempo para se movimentar, se posicionar e fazer o jogo fluir. Este tipo de sugestão também é válida para a fase de rebatida com as mãos, pois quanto maior e mais lenta a bola, mais fácil será a vivência.

As redes também podem ser adaptadas de diversas formas. Nas primeiras aulas as próprias linhas da quadra podem ajudar nesse processo. Caso esteja muito fácil para os alunos, duas linhas paralelas distantes aproximadamente por 2 metros podem ser eficientes para separar os dois lados da quadra. Bancos suecos, rede em forma de cano de PVC, cordas e elásticos amarrados em cadeiras ou nas próprias traves do gol são alternativas igualmente válidas. A altura da rede também pode variar segundo a necessidade e o objetivo do momento. Caso os alunos tenham dificuldade, as redes podem ser baixas. Quando começarem a tirar vantagem das redes baixas, as mesmas podem ser erguidas.

É comum que nas fases iniciais os alunos procurem utilizar a força para ganhar os pontos, portanto, redes altas podem limitar o uso da força e fazer com que os alunos procurem ganhar o ponto explorando as intenções táticas (criar espaço na quadra, jogar nos espaços vazios etc.).

As quadras devem ser pequenas, chamadas mini quadras, por dois motivos: (a) proporcionar o maior número de quadras possíveis no espaço e (b) tornar o jogo “possível” aos alunos. Uma quadra poliesportiva, se dividida longitudinalmente por uma rede/corda, pode proporcionar aproximadamente 5 mini quadras, como desenhado e explicado em Ginciene (2014).

Como ensinar para um número elevado de crianças?

Ensinar um esporte individual para um grande número de alunos é um desafio e tanto, como relatado por Krüger (2013) em sua experiência. A utilização de mini quadras, como indicado anteriormente é uma opção, mas ainda assim com cinco delas, apenas 10 alunos podem praticar. Algumas estratégias podem contribuir para tentar enfrentar esse problema e nesse artigo serão apresentado cinco possibilidades.

Uma das alternativas é fazer com que os alunos vivenciem diferentes papeis durante as aulas de Educação Física, como indicado na proposta norte americana de Daryl Siedentop do *Sport Education* (SIEDENTOP, 1994; SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011) e também explicada e testada no contexto brasileiro (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

Uma das propostas do *Sport Education* é fazer com que os alunos vivenciem diferentes papéis inerentes aos esportes durante o processo de ensino, como: árbitros, técnicos, imprensa, jogadores etc. No exemplo citado anteriormente das cinco mini quadras, seria possível, por exemplo, distribuir os alunos em duplas e fazer com que eles trocassem de função no decorrer da aula, numa espécie de rodízio. Em cada mini quadra, portanto, seria possível inserir quatro duplas: (1) jogador A e técnico A; (2) jogador B e técnico B; (3) árbitro do placar e árbitro responsável pelas linhas; (4) imprensa – com narração, comentários e demais registros. Essa última dupla pode ficar fora da quadra para não tumultuar e atrapalhar o andamento dos jogos.

Outra alternativa é a de dividir as cinco mini quadras nas suas metades, ampliando para 20 alunos praticando. Os jogos também podem acontecer em duplas e comportar o mesmo número.

Outras opções podem conter quantidades maiores de alunos por quadra, mas farão com que os mesmos fiquem em uma pequena fase de espera. É o caso dos modelos de jogos: “ganha 2 pontos e sai” e “bate e sai”.

No modelo “ganha 2 pontos e sai”, um grupo de alunos fica de um lado da quadra e o outro grupo do outro. Os pontos acontecem no modelo “1x1”, quem ganha 2 pontos seguidos vai para o final da fila e quem perde também. Dessa forma, evita-se que os mais habilidosos se sobressaiam e joguem mais vezes que os outros.

Já no “bate e sai”, o grupo A joga contra B e os alunos jogam de forma alternada o mesmo ponto, ou seja, cada aluno bate a bola e corre para o final da fila.

Todas essas possibilidades certamente podem ser novas para muitos alunos, por isso é normal que leve algum tempo para que se acostumem com o andamento das aulas. Até lá é normal que exista uma certa confusão. Após se acostumarem com as estratégias descritas neste trabalho, os jogos e a aula irão acontecer normalmente, com os próprios alunos se organizando e resolvendo os problemas que surgirem no decorrer das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram apresentadas algumas possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis nas escolas. Implementar um novo conteúdo e novas estratégias metodológicas é sempre um desafio. Apesar disso, após o período inicial de adaptação, as aulas acontecem facilmente.

É importante ressaltar que as aulas não se limitam às dimensões procedimentais, enfatizadas no artigo. As dimensões conceituais e procedimentais são igualmente

importantes, mas nesse caso o foco foi direcionado aos elementos técnicos e táticos da modalidade.

O ponto central dessa proposta é ensinar e proporcionar aos alunos o conhecimento e a vivência da lógica que rege os jogos de rede e parede e nesse caso específico, do tênis. Embora não seja possível implementar o tênis nas escolas com os materiais, quadra e regras oficiais, os alunos podem experimentar a característica principal da modalidade, ou seja, o desafio de fazer a bola passar sobre a rede de modo a dificultar a devolução do adversário ao mesmo tempo que protege seu lado da quadra.

Além disso, toda a fase de adaptação do tênis para sua inserção na escola pode ser positiva para mostrar as formas que os alunos podem ter para se apropriar e disseminar essa prática no bairro e em casa, criando, recriando e resignificando o que foi vivenciado na escola para as condições locais e materiais que estiverem ao seu alcance.

REFERÊNCIAS

BOLONHINI, Sabine Zink. *Pedagogia do esporte e a iniciação ao tênis de campo: um estudo nos principais clubes de São Paulo*. UNICAMP, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2. ed. rev. Brasília, 2016. Brasília, 2016.

CALVO, Adriano Perciva; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Diagnóstico do conteúdo da Educação Física Escolar: o atletismo em foco. *Revista Digital De Educacion Fisica*, v. 16, n. 164 , 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd164/conteudo-da-educacao-fisica-escolar-o-atletismo.htm>>. Acesso em: 2 jan. 2016.

CALVO, Adriano Perciva; MATTHIESEN, Sara Quenzer. O atletismo está presente nas aulas de Educação Física Escolar? *Revista Digital De Educacion Fisica*, v. 16, n. 160 , 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd160/o-atletismo-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 2 jan. 2016.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Educação_física_na_escola.html?id=ANTX XwAACAAJ&pgis=1>. Acesso em: 14 jan. 2016.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. Apresentação. *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

FLORENZANO, João Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP, 2009.

FREIRE, João Batista. *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2003.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21088>>.

GILLMEISTER, Heiner. Tennis history. *ITF Coaching and Sport Science Review*, v. 15, n. 46, p. 16-18, 2008.

GINCIENE, Guy. Tênis de campo. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Org.). *Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote*. Maringá: Eduem, 2014. p. 157–205.

GINCIENE, Guy; ABURACHID (Org.). *Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote*. Maringá: Eduem, 2014. p. 63-109.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação de esportes. *Revista Digital de Educacion Física*, v. 10, n. 71, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: Ed. da UFES, 2012.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. *Práticas corporais e a organização do conhecimento: esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote*. Maringá: Eduem, 2014. Disponível em: <http://www.americanbanker.com/issues/179_124/which-city-is-the-next-big-fintech-hub-new-york-stakes-its-claim-1068345-1.html>.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

HARVEY, Stephen; JARRETT, Kendall. A review of the game-centred approaches to

teaching and coaching literature since 2006. *Physical Education & Sport Pedagogy*, p. 1–23, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17408989.2012.754005>>.

KRÜGER, Geovane. O Tênis de Campo como uma possibilidade para as aulas de educação física escolar. *Cadernos de Formação RBCE*, 2013.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. *Atletismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. Disponível em: <http://www.amazon.com.br/Atletismo-Teoria-Prática-Educação-Superior/dp/8527712903/ref=sr_1_2?ie=UTF8&qid=1451739631&sr=8-2&keywords=sara+quenzer+matthiesen>. Acesso em: 2 jan. 2016. .

MAZO, Janice; BALBINOTTI, Carlos. A história do tênis na Era Moderna. *O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MITCHELL, Stephen A.; OSLIN, Judith L.; GRIFFIN, Linda L. *Teaching Sport Concepts and Skills*. 3. ed. Champaign: Human Kinetics, 2013.

OLIVEIRA, Mascus Aurelio Tabordan de. O esporte brasileiro em tempos de exceção sob a égide da Ditadura (1964-1985). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

PAES, Roberto Rodrigues. *Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002.

PARLEBAS, Pierre. *Juegos, deporte y sociedades: léxico de praxeología motriz*. Barcelona: Paidotribo, 2001. 502p. Disponível em: <<https://books.google.com/books?id=vxDwXPRBnuoC&pgis=1>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Motriz*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25–31, 1999. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT05022010213839.pdf>>.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. *Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão*. São Paulo: Phorte, 2000. .

SIEDENTOP, Daryl. *Sport education: quality pe through positive sport experiences*. 1994. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Sport_Education.html?id=hexyQgAACAAJ&pgis=1>. Acesso em: 14 jan. 2016. .0873224353.

SIEDENTOP, Daryl; HASTIE, Peter; MARS, Hans Van Der. *Complete guide to sport*

education. 2. ed. Champaign: Human Kinetics, 2011.

THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. *Rethinking games teaching*. 1986. 79 f. Monograph (Leicestershire) - University of Loughborough, Loughborough, 1986.

VENDITTI JR, Rubens; SOUSA, Marlus Alexandre. Tornando O “jogo possível”: reflexões sobre a pedagogia do esporte: os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem. *Pensar a Prática*, Goiania, v. 11, n. 1, p. 47–58 , 2008. Disponível em: <<http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/feff/article/view/1796/3335>>.

WILLIAMS, A Mark; HODGES, Nicola J. Practice, instruction and skill acquisition in soccer: Challenging tradition. *Journal of Sport Sciences*, v. 23, n. 6 , 2005.